

BENJAMIN, PADRE CÍCERO, LAMPIÃO E OUTRAS HISTÓRIAS

LIMA, Ricardo de Oliveira¹

RESUMO: Muitas façanhas foram realizadas no âmbito do dito documentário cinematográfico; no Brasil, uma das mais arriscadas e, única, foi realizada por Benjamin Abrahão Calil Botto, o único a registrar o lendário Lampião e seu bando no cotidiano do cangaço, o que instigou a criação de outras réplicas e adaptações. Contudo o trabalho do sírio Benjamin nunca tinha tido o aprofundamento epistemológico ideal. Na obra literária de Frederico Pernambucano de Mello, *Benjamin Abrahão, Entre Anjos e Cangaceiros* de 2012, o autor expõe de maneira esmiuçada, a vida e a expedição de Benjamin em meio à década de 30, pela caatinga do sertão nordestino, em busca de seu objeto de pesquisa e negócios, Lampião.

PALAVRAS CHAVE: Benjamin Abrahão Botto; fotografia, cinema; Lampião, Padre Cícero, filmes sobre cangaço.

1. INTRODUÇÃO

A seguir, o texto tratará sobre as imagens produzidas no nordeste no início do século XX, em especial às relativas ao cangaço, mais precisamente as que resultaram das investidas de campo pelo jovem estrangeiro Benjamin Abrahão Calil Botto, quando ainda era secretário de Padre Cícero, seu maior protetor naquela terra. Tratará de forma sucinta a rica gama de informações de uma época movimentada no Brasil. Contudo levantará considerações sobre as resultantes políticas, relacionadas às imagens do cangaço produzidas por Benjamin, da fama de Lampião, estrela principal deste documentário único, bem como da parceria com o produtor fotográfico e cinematográfico, o empresário Ademar Bezerra de Albuquerque, peça fundamental para a produção de tal feito. Tratará dos motivos comerciais do árabe para chegar a reportar tais assuntos tão recônditos e proibidos, como a criminalidade velada e seus integrantes mais escusos. Enfim mostrará alguns exemplos de adaptações referentes ao cangaço, Lampião e, seu documentarista, cineasta Benjamin. O artigo que segue terá como suporte histórico principal a obra literária

¹ Licenciatura em Artes Plásticas, FAP; Aperfeiçoamento Arte Educação FAP; Especialista em História em Quadrinhos OPET; Graduando Cinema FAP 2014. Email: ricardokuica@yahoo.com.br



UNESPAR/FAP - Curitiba/PR
ISSN 2317-8930

documental de Frederico Pernambucano de Mello *Benjamin Abrahão, entre anjos e cangaceiros*, e outras apreciações sobre o cinema brasileiro e o documentário cinematográfico em geral, encontradas em filmes e livros relevantes.

2. Juazeiro e o Padrinho

O poder no início do séc. XX no nordeste Brasileiro tem como seus comandantes grandes latifundiários e religiosos. Estes homens com muitas posses, comumente nomeados como coronéis, com punho forte regem as leis desta árida região brasileira, juntamente com a mão “abençoada” de clérigos e suas ordens religiosas. A história do estrangeiro *sírio-brasileiro* como auto se intitulava, Benjamin Abrahão Calil Botto (1901-1938) que aporta no nordeste, mais precisamente no porto Recife em 1915, perpassa o poder coronelista e católico. Doravante seu destino inevitável se encontrava sertão adentro, para além das dependências dos Elihimas, parentes seus instalados desde 1906 em Recife, comerciantes atacadistas de miudezas diversas, de importações e exportações. Inicia-se facilmente ao comércio, Benjamin ainda adolescente tornar-se-ia vendedor mascate da Antônio Elihimas & Cia Ltda, estabelecimento comercial com filiais na capital da Paraíba e Campina Grande²; partindo então para missões comerciais distantes da faixa litorânea e portuária nordestina, salvo o rio São Francisco, que serpenteia o interior do nordeste fertilizando-o, sobretudo sendo navegável e repleto de portos³.

As andanças de Benjamin por cidades, fazendas e vilarejos sertanejos, o transformam em um homem conhecedor do mundo financeiro destes lugarejos cercados de misticismo. A crença deste povo em salvadores faz com que a região seja palco de peregrinações imensas, para lugares onde se encontram estes santos milagreiros. Junto a isto temos as migrações oriundas da miséria causada pela seca; quiçá o bom motivo para tantas romarias sem retorno. Contudo é em 1916 que Benjamin repara em Rio Branco a grande quantidade de romeiros com destino para um vilarejo tido como santo, quase ao final da linha férrea que ruma para o cariri no interior do Ceará, Juazeiro. Tal lugar ficara afamado por que um homem religioso por lá se instalara em plena pobreza do local, e em poucos anos possibilitou o progresso, tornando a região capitalizada. Trata-se de padre Cícero Romão Batista, que fora um jovem seminarista ordenado em Prainha Fortaleza em 1870, mas ao

² MELLO, Frederico Pernambucano de Mello; *Benjamin Abrahão: entre anjos e cangaceiros*, (2012,p. 44-48).

³ <http://www.ahsfra.gov.br/?op=conteudo&id=133&menuId=165>

chegar e se instalar em Juazeiro movimentou o lugar, fomentando o comércio, em grande agitação pelas bênçãos, que resulta na venda de variado *souvenir* religioso, pois Padre Cícero tornara-se um ícone espiritual. Para Benjamin este lugar era o ideal para efetuar suas vendas, embora a princípio isto não tenha acontecido, pois algo mais importante aconteceria, como a benção do Padrinho e o acolhimento em sua casa governada pela Beata Mocinha, ele poderá desfrutar de alimentação e certo *status* que o deixará em posição invejada por muitos. Por ali relembra seu ofício de ourives trazido da casa paterna e, já instalado na casa de Padre Cícero, desfruta de conforto, embora a contragosto matriculado no Colégio São Miguel, terá que estudar, disciplina da qual já fugira quando em estada com os Elihimas; porém seu futuro aparenta ser financeiramente promissor⁴.

3. Fotografia para Romeiro, Coronel, Cangaceiro e Macaco

Benjamin tem talentos comerciais, daqueles que se referem com as relações públicas. O dom deste rapaz está em achar possibilidades de comercialização, sendo assim o ofício de ourives é uma das; até que se vislumbra com a fotografia, mais uma. Todavia a fotografia e o cinema seriam sua sina pelos restos dos seus dias. Ao lado do Padre Cícero, Benjamin pode presenciar não só a movimentação de romeiros, mas também a tecnologia que chegava ao povoado, com fotógrafos e cinegrafistas, sempre a documentar o movimento dos poderosos, especialmente quando o Batalhão Patriótico se alinha pronto para combater a Coluna Prestes em 1926. Lampião e seu bando integram as Forças Legais de Combate aos Revoltosos, alistamento articulado essencialmente por Padre Cícero. Lampião trajando enxoval militar posa para fotógrafos como Lauro Cabral de Oliveira Leite e Pedro Maia⁵. Além destes havia outro fotógrafo e cinegrafista que especulava a região, era o empresário Ademar Bezerra de Albuquerque da ABA Film, homem de conhecimento no estrangeiro e, representante da marca Alemã Zeiss, produtora de lentes, máquinas fotográficas e filmadoras. Benjamin torna-se próximo de Ademar, não tardará para iniciar seus trabalhos como fotógrafo,

⁴ MELLO, Frederico Pernambucano de Mello; *Benjamin Abrahão: entre anjos e cangaceiros*, (2012. p. 49-53).

⁵ Idem. (2012.p. 87).

juntamente a função de jornalista, da qual dispõe de um diploma primário. A princípio Benjamin fotografa Padre Cícero, para comercializar seus postais nas feiras nordestinas, chega até a fazer negócio com imagens do cortejo fúnebre do Padrinho em meio à multidão de devotos; o fotografará inclusive para publicar em jornais dos quais se torna colaborador. Posteriormente ele irá fotografar e filmar as vaquejadas, até que sua ambição o leva a busca do cangaço enquanto objeto de reportagem. A empreita da expedição aparenta ser de sucesso e perigosa, embora a produção das imagens somente aconteceria com o fornecimento de material e equipamento disponibilizado por Ademar, com garantias pecuniárias do coronel Audálio Tenório de Albuquerque, que lança notas promissórias para que Benjamin o pague após filme feito. Equipado Benjamin na Vila do Pau Ferro em janeiro de 1936 entra na caatinga em busca de Lampião, nesta expedição, antes de chegar aos cangaceiros, terá de conversar com policiais das volantes, mais conhecidos com *macacos* os quais fotografará. Além de muita conversa, leva junto às fotografias dele com o padrinho, amuleto e álibi para a penetração no cangaço, quando passa pelos bandoleiros do capitão Virgulino, bem como pelos *macacos* da volante. Benjamin chega até o líder cangaceiro e o convence de participar daquela empreita jornalística. As imagens e fotos são registradas com ajuda e conselhos de Lampião, que aparece em diversos momentos, como ajoelhado com o bando rezando em plena alvorada; costurando em uma máquina Singer; distribuindo Cafiaspirina para a cabroeira a frente de um cartaz “-Se é Bayer é bom!” aqui um possível merchandising de Benjamin para a empresa alemã que investiu com seus furgões cinematográficos; falando para câmera filmadora, embora soubesse que a película não captava o som; lendo livro ou revista; sendo penteado por Maria Bonita; ou comandando uma simulação de batalha sugerida por Benjamin, para citar apenas cenas principais do restou de todos os rolos filmados. Com todo este material em mãos o sírio inicia seu processo de publicação e exibição, enviando fotos para os jornais de Pernambuco e Rio de Janeiro, bem como deixando o material filmado na ABA Film para montagem⁶, pretende voltar ao cangaço e, registrar mais imagens. Contudo os tempos de bonança estão próximos do fim. O país vive as mudanças do

⁶ MELLO, Frederico Pernambucano de Mello; *Benjamin Abrahão: entre anjos e cangaceiros*, (2012 p.134-144.)

Estado Novo, e a intolerância torna-se o meio mais comum usado pela polícia e o exército para repressão. A fama de Benjamin corre os quatro cantos por suas fotos e filmagens, mas o DIP de Vargas - Departamento de Propaganda do Brasil em 3 de abril de 1937, ao analisar o filme feito no cangaço vê nele problemas, e o proíbe de ser exibido, apreendendo-o, “Não poderá ser exibido o filme de Lampião!”(...)“por atentar contra os créditos da nacionalidade”(MELLO, 2012 - p.213, 212) Todo o esforço que fora empregado na produção do filme sobre Lampião é abafado. As possibilidades de lucros com possíveis exibições no Brasil e exterior ficam distantes, impraticáveis. Só resta esperar que alguma autoridade libere a exibição para que Benjamin possa receber pelos créditos. Triste espera, pois os cercos contra o cangaço se acentuam e a esperança em filmar Lampião novamente é imensa, para então juntar com o material apreendido e produzir um grande filme, é um sonho ambicioso que o árabe não desiste, pois sabe que tinha aproximadamente oitocentos metros de filme bruto, o qual mais da metade se perdeu dentro das latas enferrujando em um departamento de polícia de Fortaleza⁷. Benjamin Abrahão não era um homem parado que espera as coisas acontecerem, e se metia em tudo o que pudesse lhe render dinheiro. Não poderá mais ver seu filme, nem as fotos; não poderá mais ser colaborador dos jornais, agora é vigiado pela polícia, e tem suas contas a pagar. Numa noite de 7 de maio de 1938 sai sozinho do bar após uma cerveja e vai para seu quarto alugado, quando é morto com 42 punhaladas; no local do crime um possível *laranja*, um aleijado que mal sustenta o próprio corpo, assume o ato. Terminava tragicamente a saga do estrangeiro e aventureiro sírio num Brasil nordestino de poeira, sangue e impunidade.

4. Outras Histórias

No prefácio de *Benjamin Abrahão, entre anjos e cangaceiros* de Frederico Pernambucano de Mello, escrito por Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes que cita Jorge Luiz Borges: “Mataram-no e ele não sabe que morre para que se repita uma cena.” (MELLO, P. 27 – 2012). As imagens criadas documentalmente pelo fotógrafo e cinegrafista Benjamin Abrahão, acabaram por resultar em outras imagens que, tendo como única referência às feitas pelo sírio, replicam a cena no caso de

⁷ Idem . (2012, p. 212-219.)

inúmeros filmes sobre o cangaço em sua maioria sobre Lampião. Lembre-se do grande sucesso da Vera Cruz com direção de Lima Barreto, *O Cangaceiro* de 1953, filme que mostra um cangaço um tanto quanto inverossímil, numa espécie de musical hollywoodiano, onde o gênero musical Baião, já consagrado no Brasil e exterior, embala vários momentos do filme ao som adaptado de Mulher Rendeira música de autoria controversa, pois alguns atribuem a Lampião junto com Volta Seca músico e um dos cangaceiros do bando, que entrou para o cangaço ainda adolescente; outros a Zé do Norte que a registrou no ECAD e participou da trilha, indicado por Raquel de Queiroz, assessora de Lima Barreto⁸. O filme *Memória do Cangaço* dirigido por Paulo Gil Soares de (1965), é uma reedição do trabalho de Benjamin Abrahão, com inserções de depoimentos de personagens que viveram a década de 30 na volante ou no cangaço. *Deus e o Diabo na Terra do Sol* de Glauber Rocha (1964), filme consagrado pelo cinema novo que reinventa o final do cangaço e os percalços do nordestino entre a religião e a violência. A filmografia sobre o cangaço aumenta em números durante a década de 60, contudo não produzindo grandes obras como as citadas acima⁹. O cinema brasileiro sofrerá suas crises até a chamada retomada 1995 a 2001, quando a produção aumentará muito em relação às décadas anteriores, e não só aumentará a quantidade, bem como a qualidade destes filmes. Um deles trata do cangaço, mais em especial a vida de Benjamin entrelaçada a inúmeras outras. Trata-se do filme *Baile Perfumado* de Lírio Ferreira e Paulo Caldas de 1997, filme que tratou da vida do sírio sem tropeçar em fatos históricos e regionalismos que deram a verossimilhança para esta película. Como comenta Luiz Zanin Orichio ao citar a trilha musical do filme que tem como base o *mangue-beat* de Chico Science e Nação Zumbi: “Baile Perfumado é um filme que respira juventude a cada fotograma.”¹⁰ (ORICCHIO, p.133 – 2003) Tal filme teve como conselheiro histórico Frederico Pernambucano de Mello, pesquisador do Instituto Joaquim Nabuco do Recife.¹¹ Contudo em uma declaração em entrevista de pré estreia do filme Paulo Caldas declara

⁸ http://pt.wikipedia.org/wiki/Mulher_Rendeira

⁹ RAMOS, Fernão; *História do Cinema Brasileiro*, p.344. 1987.

¹⁰ ORICCHIO, Luiz Zanin, *Cinema de novo: um balanço crítico da Retomada*; (p.133. 2003)

¹¹ MELLO, Frederico Pernambucano de Mello; *Benjamin Abrahão: entre anjos e cangaceiros*, (p. 19, 2012.)

o seguinte quando questionado das possíveis semelhanças de produção e lançamento entre *Baile Perfumado* e o documentário de Benjamin:

...Ele era um comerciante, tinha uma formação de mascate, uma formação árabe, ele era libanês, então o que tem muito forte nele é esse sentido mercantilista mesmo. Não como um cineasta pioneiro. Ele não era um teórico, um pesquisador da linguagem cinematográfica. Apesar de no filme ter feito coisas muito interessantes. Ter apresentado soluções como a câmera na mão - que era uma solução pouquíssimo usual na época e que, pela própria mobilidade dos cangaceiros na caatinga, ele viu que não dava pra filmar com tripé, parado como filmava nas cidades e botou a câmera na mão. Tem coisas intuitivas nele, mas isso não pode ser levado como o talento dele como cineasta ou como fotógrafo. A gente pode assegurar a importância dele ter registrado esse material.

(<http://www.di.ufpe.br/~mundi/numero1/artes/entrevista.html>)

As afirmações do diretor de *Baile Perfumado* aparentam ser um pouco equivocadas, que atribuem valor ao pouco material apenas por serem únicas. Deve-se lembrar da investida de Benjamin e de suas possíveis aulas com Ademar Albuquerque. Benjamin sabia o que fazia e como fazia.

4. Os Modos de Benjamin

Em Introdução ao Documentário de Bill Nichols, tem-se um apanhado amplo no âmbito do documentário cinematográfico. Embora o autor não mencione o feito de Benjamin Abrahão, pode-se relacionar as categorias documentais elaboradas por Nichols com as imagens resultadas do trabalho de campo do árabe no cangaço. Uma análise interessante é a relação aos Modos de documentário exposto em Introdução ao Documentário que são: Poético; Expositivo; Observativo; Participativo; Reflexivo e Performático, com as gravações de Benjamin.

O Modo Poético onde “os atores sociais raramente assumem a forma vigorosa dos personagens com complexidade psicológica e uma visão definida de mundo” (NICHOLS, 2012, p. 138), aparenta não figurar nas imagens que tem Lampião como personagem complexa, com visão ampla de sua posição social enquanto líder cangaceiro num cenário opressor.

O Modo Expositivo referente a filmes que utilizam *voz over* onde “o orador é ouvido, mas jamais visto” (NICHOLS, 2012, p. 142), é um modo que não pode-se afirmar a sua possível

UNESPAR/FAP - Curitiba/PR
ISSN 2317-8930

existência no trabalho de Benjamin, pois o material fílmico não teve a montagem em seu tempo pelos envolvidos na pós produção. Como já citado anteriormente, tal material ficou oxidando em um departamento de polícia por anos.

O Modo Observativo é aquele que se refere ao documentarista como aquele que fica oculto com a

“posição de ficar olhando pelo ‘buraco da fechadura’ pode ser desconfortável, se o prazer de olhar tiver prioridade sobre a oportunidade de reconhecer aquele que é visto e de interagir com ele.(...) A impressão de que o cineasta não está impondo um comportamento aos outros também suscita a questão da intromissão não admitida ou indireta. As pessoas comportam-se de maneira que se matize nossa percepção a respeito delas, para melhor ou para pior, a fim de satisfazer um cineasta que não diz o que quer?” (NICHOLS, 2012, p. 148)

Benjamin Abrahão possivelmente teria usado do modo observativo, contudo não pode, pois em uma das oportunidades mais expressiva, quando os cangaceiros transformaram uma cidade pacata em um tiroteio imenso, quando os moradores também atiraram contra eles produzindo um verdadeiro *set de bang bang* à brasileira.

O Modo Participativo aquele que “o pesquisador vai para o campo, participa da vida de outras pessoas, habitua-se, corporal ou visceralmente, à forma de viver em um determinado contexto e, então, reflete sobre essa experiência, usando métodos e instrumentos da antropologia ou da sociologia.” (NICHOLS, 2012, p. 153) Não pode-se afirmar se Benjamin teria ou não posicionamentos antropológicos ou sociológicos de maneira epistemológica. Entretanto percebe-se que sua participação na documentação do cangaço foi altamente participativa, pois viveu dias em campo, retratando e retratando-se neste ambiente junto aos atores sociais.

O Modo Reflexivo que difere do Participativo, ou seja “os processos de negociação entre cineasta e espectador que se tornam o foco de atenção. Em vez de seguir o cineasta em seu relacionamento com outros atores sociais, nós agora acompanhamos o relacionamento do cineasta conosco.” (NICHOLS, 2012, p. 162) Tal Modo não aparenta estar nas imagens feitas por Benjamin,

que não se isentou em momento algum, salvo quando tecia comentários em sua caderneta, ora em português, ora em árabe.

O Modo Performático “tenta demonstrar como conhecimento material propicia o acesso a uma compreensão dos processos mais gerais em funcionamento na sociedade. O significado é claramente um fenômeno subjetivo, carregado de afetos.” (NICHOLS, 2012, p. 169) Esse Modo pode ser indicado como um dos quais o documentário de Benjamin sobre Lampião e seu bando atentava, pois as anotações da caderneta demonstravam o envolvimento emocional do documentarista, bem como as imagens do cotidiano do líder cangaceiro já citadas: Lampião rezando, costurando, se perfumando em pleno cangaço.

5. Conclusão

O trabalho empreendido por Benjamin Abrahão Calil Botto é sem dúvida o mais importante documentário a cerca de Virgulino Ferreira o Lampião, bem como sobre o cangaço em seus tempos derradeiros. O documentário referido aqui, só foi possível devido as circunstâncias que levaram o ambicioso Benjamin para a boca do sertão nordestino em busca de recompensas. Pode-se notar que esse aventureiro apenas ingressou no mundo cinematográfico ao acaso, tornando-se um dos grandes pioneiros do documentário nacional, responsável por este material precioso. Tal acaso tinha como base a pessoa sagrada de Padre Cícero, homem de negócios além da religião, que dentre seus milhares de devotos figurava Lampião. Deve-se, lembrar ainda, que a proximidade do líder cangaceiro a Juazeiro só aconteceu, quando o mesmo com seu bando serviram a pátria contra a subversão integrando as Forças Patrióticas, que se não fossem os acontecimentos nacionais como a perseguição e combate ao comunismo, talvez não ocasionassem o alistamento de cangaceiros no exército neste momento histórico e, o *insight* de cineasta de Benjamin quiçá não aconteceria. Outro fato importantíssimo foi à vaidade de Virgulino frente à fama nos noticiários. Além do padrinho, a figura Ademar Bezerra de Albuquerque, instrutor técnico de Benjamin e, representante de equipamentos fotográficos alemães Zeiss. A Alemanha não pode ficar de fora, pois seus



UNESPAR/FAP - Curitiba/PR
ISSN 2317-8930

investimentos no nordeste eram profundos e possivelmente atraíram a possibilidade financeira para Benjamin através da propaganda feita no cangaço como foi o caso da Bayer. A hipótese da ABA Film, estar fazendo a frente tecnológica, e inevitavelmente disponibilizando seu laboratório para a pós-produção do material fílmico, leva a crer que Ademar com grandes conhecimentos no estrangeiro, se anteciparia a Benjamin, e iria faturar mais com a distribuição aos exibidores nacionais e internacionais; embora não seria fácil contornar o árabe. Dentre todos os filmes sobre o cangaço o mais importante que conseguiu açambarcar de certa forma o assunto, tendo como protagonista Benjamin é *Baile Perfumado*, que mostra a trama dos fatos, com enredo de trama atraente sem perder os fatos marcantes, é um filme que teve aprofundamento histórico relevante; lembre-se o importante papel de Frederico Pernambucano de Mello como assessor histórico na produção. Neles nomes de personagens históricos importantes, altamente atuantes na película; a deixam em estado profundo de filme de não ficção, lugares que localizam os fatos com precisão geográfica, apresentação musical regional renovada o *mangue-beat* e, sem perder um dos fatores que caracterizam o cangaço e, combinam com o cinema: o suspense, a aventura, o terror e a ação.



UNESPAR/FAP - Curitiba/PR
ISSN 2317-8930

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MELLO, Frederico Pernambucano de Mello; *Benjamin Abrahão: entre anjos e cangaceiros*. São Paulo: Escrituras – 2012.

NICHOLS, Bill, *Introdução ao documentário*. Campinas: Papyrus - 2012

ORICCHIO, Luiz Zanin, *Cinema de novo: um balanço crítico da retomada*. São Paulo: Estação Liberdade – 2003.

RAMOS, Fernão, org.; *História do Cinema Brasileiro*. São Paulo: Art Editora 1987.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Mulher_Rendeira (acesso em 15/10/2014)

<http://www.ahsfra.gov.br/?op=conteudo&id=133&menuId=165> (acesso em 15/10/2014)

<http://www.di.ufpe.br/~mundi/numero1/artes/entrevista.html> (acesso em 15/10/2014)